

OS IMPACTOS DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Dyeime Raquel Freitas Silva ¹
Geise do Socorro Lima Gomes ²

RESUMO

A educação básica brasileira tem passado por importantes mudanças no que se refere aos currículos implementados principalmente na rede pública de ensino. Desde a implementação da BNCC nas escolas um dos focos principais na educação tem sido o emocional das crianças, ou seja, como elas podem aprender a lidar e a controlar suas emoções. No entanto, os impactos de um sujeito controlado emocionalmente desde a infância não são levados em consideração, pois o foco principal é a formação alinhada às ideias neoliberais capitalistas sustentadas pelos empresários que ajudaram a fomentar o principal currículo em vigência. O objetivo deste trabalho é verificar através da pesquisa documental e levantamentos bibliográficos nas plataformas digitais, Scielo, Google Acadêmico como o tema tem sido abordado no meio acadêmico, como parte integrante de pesquisa de iniciação científica em andamento. O trabalho teórico metodológico se sustenta nos escritos do pensador francês Michel Foucault consultando alguns operadores teóricos da sua arqueogenealogia. Portanto, segue-se a perspectiva deste autor para quem o documento, compreendido como um monumento são arquivos que possuem vida própria, atravessados por acontecimentos ao acaso, mas na organização conduzida por determinadas narrativas constroem um “objeto”. No total foram analisados 50 artigos com o objetivo de analisar a produção discursiva nacional sobre a temática. Os referentes trabalhos foram localizados utilizando as seguintes palavras-chave: educação, competências, socioemocional, BNCC, além da análise dos documentos mencionados anteriormente foi examinado o principal currículo da educação brasileira a Base Nacional Comum Curricular.

Palavras-chave: Competências Socioemocionais, Base Nacional Comum Curricular, Biopolítica.

INTRODUÇÃO

A referente pesquisa tem como foco principal mostrar como os interesses políticos e econômicos tem influenciado a educação do país. Para tanto, elegemos as competências socioemocionais para inquirição. O conceito das competências socioemocionais vem sendo pesquisado e discutido desde 2022 dentro do Projeto de Pesquisa sob o tema “Resiliência e Governamentalidade: Estudo das Competências Socioemocionais na Base Nacional Comum Curricular/Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017”.

¹ Dyeime Raquel Freitas Silva, Graduada de pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, dyeimeraquel3@gmail.com;

² Professora orientadora, doutora em Educação, Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA, geisegomesufpa@gmail.com

Este estudo compreende pesquisa desenvolvida como iniciação científica dentro deste projeto, e teve como agência financiadora o Pibic/UFPA.

Entendemos os referidos documentos como dispositivos que têm direcionado o caminho da educação para uma sociedade voltada somente para a mão de obra capitalista empresarial, subjugando o ser aos desejos neoliberais. Para Foucault (2003, p.45) “Assim é o discurso que constitui a prática, de modo que tal concepção materialista implica jamais admitir qualquer discurso fora do sistema de relações materiais que o estruturam e o constituem” sendo assim, segundo o autor os discursos é o que rege as práticas a serem desenvolvidas para se atingir o propósito desejado.

Atualmente o discurso de subjetivação da educação nacional está sendo operado dentro do principal currículo em vigência, a BNCC, cujo funcionamento incide na disciplina de professores e alunos por meio do discurso de aprimoramento mental para se ter uma população madura e forte emocionalmente o suficiente para enfrentar os desafios da vida cotidiana.

Concordamos com a assertiva de Gomes (2023, p.4) de que “Dentre essas experiências temos vivido modos de ser, pensar, agir a partir de uma racionalidade biomédica e psicológica”, desse modo a pesquisa que está sendo desenvolvida busca investigar os dispositivos de saber-poder e subjetivação colocados em funcionamento por meio da produção discursiva sobre as “competências socioemocionais” no referido documento.

A referente pesquisa teve como foco as análises documentais tanto de levantamentos bibliográficos realizados nas plataformas digitais, quanto da Base Comum Curricular (BNCC), no entanto para este trabalho em específico será apresentado somente as análises dos levantamentos devido ao tamanho do documento exigido pelos anais. O documento contará ainda com uma breve análise dos principais conceitos do filósofo Michel Foucault, são eles: Arqueologia: o saber e o sujeito; Genealogia: o poder e o sujeito; Genealogia da ética e os dispositivos de subjetivação em Foucault.

METODOLOGIA

A pesquisa tem como método a abordagem qualitativa por meio da análise documental utilizando coleta de dados bibliográficos e de documentos de domínio público, bem como a análise da Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017 e CNE/CP nº 4/2018.

Tais levantamentos foram realizados nas principais plataformas digitais: *Google Acadêmico* e *Scielo*. No total foram prescrutados 36 artigos com o objetivo de analisar a

produção discursiva nacional sobre a temática. Os referentes trabalhos foram localizados utilizando as seguintes palavras-chave: competências socioemocionais na educação e BNCC, além da análise dos documentos mencionados anteriormente foi examinado o principal currículo da educação brasileira: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A pesquisa está fundamentada nos preceitos foucaultianos, onde para esse estudo foram usados os fundamentos do **ser saber; ser poder; o ser com sigilo; o sujeito; o poder saber** (Neto, 2007) articulados aos conceitos de governamentalidade, dispositivo e subjetivação. Essas ferramentas teóricas ajudaram analisar as formas de subjetivação instaurados atualmente dentro da educação brasileira, por meio dos currículos sob a vigência da BNCC.

Os currículos educacionais atualmente vêm sendo utilizados como moeda de troca entre os neoliberais que buscam somente seu benefício próprio por meio da política capitalista. Dentro dessa perspectiva capitalista onde o principal objetivo é a formação dos jovens para o mercado de trabalho, foi onde nasceu o discurso das competências socioemocionais, com o intuito de se criar um ser “autocontrolado” ou nos dizeres de Foucault “útil e dócil”, sobrepujando suas próprias decisões e futuro.

REFERENCIAL TEÓRICO

Michel Foucault, foi um filósofo que dedicou sua vida a explicar o sujeito, dentro desse elemento de estudo pôde perceber como os corpos eram aprisionados de diversas formas. Durante sua vida dedicou-se a ensinar e escrever sobre os mecanismos de poder inseridos na sociedade para controlar esses corpos. No entanto com o avanço de seus estudos Foucault percebeu que não somente os corpos poderiam ser dominados e moldados segundo a vontade dos detentores do poder, mais que este funciona de forma difusa na sociedade, nos aparatos tecnológicos e mecanismos, nas relações etc., moldando e construindo novas subjetividades e assim novos sujeitos. Para entender melhor esses mecanismos de poder veremos a seguir alguns conceitos mencionados anteriormente.

Arqueologia: o saber e o sujeito e o poder

A Arqueologia se caracteriza como atitudes procedimentais de análise desenvolvidas por Foucault a fim de estudar a história dos saberes e a manifestação dos discursos em relação intrincada com práticas de poder e como estas constituem o sujeito.

Ainda segundo Foucault (2008, p. 10) “Assim, as descrições históricas se ordenam necessariamente pela atualidade do saber, se multiplicam com suas transformações e não deixam, por sua vez, de romper com elas próprias”, desse modo o saber passou a ser o principal mecanismo de controle sobre os corpos e se atualiza à medida que novas formas de controle precisam ser criadas, fundamentando argumentos (sobretudo de caráter científico ou teor de verdade) para que esse controle seja justificado.

Inspirado em Miguel Morey, Alfredo Veiga-Neto explica que o domínio prescrito por Foucault é o ser-saber. Logo, “O uso da palavra arqueologia indica que se trata de um procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínuas de discursos já pronunciados, muitas vezes de discursos do passado, a fim de trazer à luz fragmentos de ideias, conceitos, discursos talvez já esquecidos” (2007, p.45).

Dentre outras características, estuda as condições de possibilidades do surgimento e da transformação de um saber. Assim, Foucault (2008a) se pergunta sobre os sistemas de formação que apoiam um conjunto de enunciados que formam esses saberes. Muitos destes constituem documentos e portanto, assinala Machado (2006, p. 154) a arqueologia faria “[...] uma história dos discursos considerados como monumentos [...]”, ou seja, podendo dar visibilidade a saberes que outra não eram considerados, e não somente levando em consideração a legitimação da ciência, mas os saberes negados e desqualificados.

Desse modo, debruça-se sobre as “práticas discursivas” compreendidas como: “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada e para determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de existência da função enunciativa” (Foucault apud Machado, 2006, p. 153).”

Ou seja, tais práticas discursivas estão enraizadas na vida cotidiana. seja por meio de discursos da igreja, seja pelos manicômios (em suas atualizações na modernidade) que escondem aqueles que estão fora dos padrões julgados adequados, e de forma contundente nas escolas, detentoras da maior parte da vida humana, em que os corpos são dominados e ensinados a se sujeitar a normatizações do poder e podem ser visualizadas ao traçarmos essas análises com as das práticas não-discursivas, foco da genealogia do poder.

A genealogia: o poder e o sujeito

A modernidade trouxe consigo discursos produtores de sujeitos que precisavam se alinhar às novas formas de viver como mostra Foucault (2008b, p. 185): “não se trata

de analisar as formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações”. Assim, mudando um pouco o foco, mas sem realizar uma ruptura radical, das relações de saber, Foucault passou a dedicar um tempo sobre as relações de poder, seus mecanismos e tecnologias, sempre tendo como elemento intermediador, suas implicações para o sujeito. Logo, a genealogia do poder, ficou conhecida como “uma análise histórica das condições políticas de possibilidades dos discursos” (Machado, 2006, p. 167). No entanto, nessas análises ganham evidência as práticas sociais, e as manifestações de poder a partir de outras possibilidades interpretativas, tais como não identificar o poder como estando localizado em um ponto ou estrutura ou sendo exclusivamente repressivo.

Segundo Gomes (2011, p. 40) “Essa proposição passa a indicar que, mesmo havendo [...], situações de dominação ou subordinações hierárquicas nas relações de poder, não há um sujeito [...] uma classe detentora deste: sempre haverá [...], um enfrentamento de forças, com possíveis vencedores, mas não perpétuos”. O poder sempre estará transvestido de situações cotidianas de discursos que passam a sensação de normalidade, sempre haverá um mecanismo detentor desse poder, porém como mencionado acima ele é fluído e está em todas as partes, logo o ser-saber transcreve a (Genealogia do poder).

O pensador compreende que os mecanismos de poder se transformaram ao longo do tempo. Na idade média o poder exercido sobre os corpos era evidente e explícito, praticado como castigos por delitos cometidos, punições exibidas em praça pública para que todos vissem e tomassem como exemplo para que não cometessem o mesmo erro. Com o poder soberano monárquico era importante manter o controle da população e esse controle se dava por meio do medo que se instaurava pelas mutilações ou até mesmo a morte.

Com o passar do tempo essa forma de dominação tornou-se ineficaz, trazendo à tona novas formas de dominações mais discretas e sutis, que objetificam o sujeito a partir de mecanismos disciplinares e biopolíticos. Nessas duas disciplinas o corpo é alvo de investimento político, no entanto, nas disciplinas o objeto é o corpo individual, sendo controlado por meio de práticas de normalização, difusas no tecido social atuando por meio do controle do tempo, dos espaços, das condutas. Já na biopolítica, a população é o alvo de investimento, por meio de procedimentos novos que fazem controle da espécie,

gerenciando os riscos e as probabilidades destes. Neste último são os mecanismos regulamentadores que estão em ação (Foucault, 2008b; 2008c).

A genealogia da ética e os mecanismos de subjetivação em Foucault.

A constituição do sujeito além de aparecer na arqueologia e na genealogia do poder, ganhará imersão foucaultiana em seus últimos escritos, que comporão a genealogia da ética. Segundo Candiotto (2013) “Significa que na investigação de Foucault importa muito mais tratar da ética como um campo de problematização do que como um âmbito normativo de fundamentação da ação moral”. Ainda segundo o autor, a genealogia não busca as origens ou o que está “escondido”, portanto, não existiria para Foucault um objeto já dado. A “ética” tornou-se um objeto de investigação, justamente por fazer parte de um campo “problemático” e foi constituindo-se a partir de domínios específicos, sendo assim a (Genealogia da ética) configura-se o ser-consigo.

Recorrendo ao pensamento grego antigo ou clássico, Foucault buscou investigar a ética ali constituída, para compreender os mecanismos de constituição do sujeito antes das práticas cristãs e das engendradas pelos mecanismos disciplinares e biopolíticos. E nesses estudos encontrou formas específicas de vivências da ética. Machado (2006) descreve esse momento das pesquisas de Foucault como sendo o estudo do governo de si, diferenciando as práticas de poder estudadas anteriormente que versavam sobre o governo de uns sobre os outros.

Assim, nas palavras do próprio Foucault (2006, p.342-343) “Meu problema é saber como os homens se governam (a si próprios e aos outros) através da produção de verdade [...]”. A forma como somos governados e como o conhecimento é utilizado para moldar nossas vidas, foi uma das grandes contribuições desse pensador que muito vem sendo utilizado no campo educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados prévios obtidos até o presente momento referem-se a análise documental de 36 artigos sob o tema “As competências socioemocionais na educação”. Os documentos analisados foram coletados no período de 2015 a 2023, sendo a maior incidência de documentos escritos no período de 2020 a 2023. Os documentos analisados dentro da perspectiva dos criticam implementação das competências socioemocionais nos currículos educacionais brasileiros foram 15. Já no ponto de vista daqueles que acreditam na contribuição das competências na educação foram 21.

Os primeiros dados foram coletados e analisados em janeiro de 2024 e o último

em fevereiro de 2024. Tal separação se fez importante para se analisar e comparar as diferentes narrativas produzidas pelas pesquisas sobre a temática. Logo, essas narrativas foram dadas em séries discursivas analisadas abaixo.

1 Análise dos artigos acerca da BNCC

1.1 Série discursiva: cognitivo versus afetividade no campo da aprendizagem

Para aqueles que defendem o uso das competências socioemocionais nas salas de aulas é enfatizado a importância do desenvolvimento cognitivo tanto quanto do emocional, chegando a afirmar que o desenvolvimento emocional é mais importante para o aluno que o aprendizado de conhecimentos específicos. Como afirma os autores Bernardes; Ditomaso; Souza (2020, p.03) “Algumas habilidades são necessárias serem desenvolvidas no contexto escolar: o conhecimento sobre si, o preparo para as demandas do mercado de trabalho e o reconhecimento das diferenças”.

Para os autores, trabalhar os aspectos emocionais dos estudantes, prepara os mesmos de maneira integral para todos os tipos de adversidade da vida moderna chegando a afirmar que as duas pedagogias a cognitiva e a emocional são essenciais para a formação humana.

Do mesmo modo como reitera Valente (2020) e Marques (2019) com o a inclusão das competências socioemocionais como disciplina obrigatória, acreditam que a educação dos jovens será completa. No texto de Valente, intitulado “**Competências socioemocionais: o emergir da mudança necessária**”, a autora enfatiza mais uma vez a importância das competências frente aos conteúdos programáticos, como mostra o trecho a seguir: “O sistema educativo, atualmente, provoca stress em toda a comunidade escolar, por se pautar pela transmissão de conteúdos, conteúdos esses muitas vezes distantes dos interesses, expectativas e realidade dos alunos” (Valente, 2019, p.1).

Diante do pensamento dos autores acima, fica evidente a necessidade de moldar o professor para que ele dentro da sala de aula consiga identificar quando o aluno necessita de apoio emocional e consiga dentro de um ambiente afetivo reverter qualquer aspecto negativo que esteja acontecendo com o estudante. Enfatizam ainda que, “as práticas pedagógicas precisam também valorizar o protagonismo dos estudantes, incentivando o autoconhecimento, o autogerenciamento e a habilidade de se conviver socialmente” (Bernardes; Ditomaso; Souza, 2020, p.06).

É notável que, diante do exposto pelos autores, que a implementação das competências socioemocionais dentro das escolas com o pretexto de construir um cidadão

forte mentalmente para suportar os desafios impostos em seu dia a dia, e capaz de viver em sociedade respeitando as diversidades sem gerar conflito nada mais é que um sujeito sem conhecimento específico incapaz de escolher sua própria profissão e resiliente o suficiente para aceitar o que o mercado lhe impõe.

1.2 Série discursiva: competências socioemocionais como solução de conflitos no desenvolvimento educacional

Muitos autores defendem o desenvolvimento das competências na educação e acreditam nela como uma solucionadora de conflitos, tornando o sujeito mais resiliente para enfrentar as dificuldades cotidianas como afirma as autoras Schorn e Sehn (2021, p.7): “a pandemia mundial desencadeada pela COVID-19, para além dos sintomas físicos, vem abalando as pessoas emocionalmente e transformando as relações sociais. Lidar com as questões que envolvem essas situações, aponta para o desenvolvimento de competências socioemocionais”.

Ainda segundo os autores Parra e Reganham (2016) “A Instabilidade Emocional é claramente observada em crianças, como é o caso do choro, das birras, em alguns casos episódios de agressividade principalmente perante uma frustração, contudo, a estabilidade emocional tem uma grande parcela de contribuição para o êxito na trajetória escolar do aluno” (Parra; Reganham, 2016, p.11).

Diante disto, Oliveira (2022, p. 2) mostra que “Os aspectos socioemocionais são importantes por capacitarem as pessoas a buscarem o que desejam, tomarem decisões, estabelecerem, objetivos e persistirem no seu alcance, mesmo em situações adversas, de modo a serem protagonistas do seu próprio desenvolvimento”. Complementa: “Isso porque o ato de aprender não envolve apenas competências ligadas à velocidade de raciocínio e à memória, mas exige também motivação e capacidade de controlar a ansiedade e as emoções” (Oliveira, 2023, p.4).

Pelo exposto com os levantamentos realizados sobre as competências socioemocionais e os estudos que defendem tal processo como sendo um propulsor para o sucesso profissional, pode se notar uma constante nos discursos no que se refere a implementação da educação integral, ou seja, de um sujeito preparado para enfrentar todos os desafios do mundo moderno.

Segundo os documentos analisados, diante desta perspectiva de domesticação as gerações futuras estão fadadas a um regime de dominação total, ou tal como sugere Foucault (2008, p. 46): “A humanidade não progride lentamente, de combate em combate, até uma reciprocidade universal, em que as regras substituem para sempre a guerra, ela

instala cada uma sua violência em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação”. Cotidianamente este regime de dominação está sendo implementado dentro das escolas brasileiras a fim de se criar sujeitos resilientes e preparados para o mundo capitalista, silenciando seus corpos ao selecionarem as emoções como “preocupação” atual.

1.3 Série discursiva: os impactos da influência de organizações privadas na elaboração dos currículos educacionais brasileiros

Nas sessões abaixo serão analisados e discutidos os documentos daqueles autores que são contrários a implementação das competências socioemocionais no âmbito da educação brasileira.

Atualmente dentro do cenário educacional brasileiro de modo geral, temos percebido influência proeminente, de organizações não governamentais que têm estabelecido os caminhos dentro dos currículos nacionais com um discurso de uma educação feita para todos e a ideia de criar um sujeito completo. Futata, Vieira e Santos (2021, p.3) mostram essa realidade: “A ideia disseminada pela UNESCO é a de que, ao atingir metas relativas à alfabetização de suas populações, os Estados nacionais se tornam mais competitivos por meio da qualificação de um capital humano mais adequado às demandas de produtividade do modo econômico capitalista”.

Dentro do que foi relatado pelos autores, fica claro a influência direta do Instituto Ayrton Senna nas tomadas de decisão com relação a criação da BNCC com um discurso de combater o analfabetismo para o desenvolvimento social criou-se a implementação das competências socioemocionais dentro das escolas brasileiras.

Assim segundo, Maneti, Serejo e Santos (2022, p. 01), “O currículo assume centralidade, configurando-se como espaço de disputa de produção e negociação de significados. Busca-se, então, estabelecer o que se deve ensinar e como ensinar e, nessa arena de disputas, as prescrições oficiais vão tomar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como ponto de partida”. De acordo com os autores uma negociação do estado com organizações “Sociais” não governamentais com um discurso de analfabetismo zero, sucesso em todas as áreas da vida, consegue de maneira subjetiva dominar as classes menos favorecidas.

Por fim vale salientar que as competências socioemocionais sozinhas não podem ser tradas com uma fórmula mágica para solucionar a desigualdade social, conflitos emocionais e até mesmo transtornos. Pois uma proposta de educação eficaz deveria dar ao estudante capacidade de escolha e ter protagonismo sobre seu próprio futuro, como

frisa Magalhães: “Sua proposta de educação plena, ou integral, consistiria em dar um tratamento integrador ao currículo escolar, desenvolvendo competências cognitivas (relacionados ao conhecer) e não cognitivas (relacionados ao ser, conviver e fazer), estimulando o protagonismo juvenil e a aprendizagem colaborativa e significativa” (Magalhães, 2021, p. 07).

1.4 Série discursiva: Competências socioemocionais como forma de subjetivação

Nesta sessão será abordado como as competências socioemocionais e sua narrativa de se criar um sujeito completo, pronto emocionalmente para cuidar de si e do outro, para ser resiliente frente aos desafios enfrentados no seu cotidiano, nada mais é uma das formas contemporâneas do que Michel Foucault chama de subjetivação dos corpos, pois é fácil manipular corpos dóceis e conformado com sua realidade imposta. Para o filósofo os mecanismos de poder se apropriam de um discurso para dominar e aprisionar os corpos na da verdade imposta (Foucault, 2012).

No discurso a narrativa da importância das competências socioemocionais para o desenvolvimento social, emocional e profissional dos estudantes brasileiros, foi observado mediante escritos realizados a respeito da temática um direcionamento da educação com foco no controle emocional como resolvidora de todas as demandas do sujeito, diante disso Ciervo e Silva(2019, p.10) afirmam, “quando se adota o foco da escolarização na resolução de problemas sociais, econômicos e culturais, torna-se menos provável que essas questões sejam resolvidas em suas origens” .

O novo modelo de educação pensado para a população atual refere-se a um sujeito perfeito, completo e resistente, no entanto sem liberdade sobre si, não podendo escolher em quais caminhos profissionais vai caminhar, para Lemos e Macedo as “condições socioemocionais serão sempre circunstanciais, portanto, imprevistas e planejáveis. Assim sendo, nos preocupa a tentativa de imposição do “tipo ideal” para um mundo globalizado e unívoco” (Lemos; Macedo, 2019, p.11).

O controle dos corpos atualmente vem disfarçado de políticas públicas para a população, como forma de solucionar as mazelas sociais do indivíduo. Criando assim sujeitos dóceis e manipuláveis segundo os interesses governamentais dando a falsa ideia de liberdade, desenvolvimento social, emocional para lidar consigo mesmo e com o outro.

Ainda segundo Galo (2017, p.7) “subjetivação: trata-se da constituição do sujeito, do si mesmo como alvo de todas as técnicas, no seio das relações de poder”. As relações de poder atualmente utilizam da identidade em formação do sujeito para impor sobre eles seus anseios mercantilistas. Dentro deste discurso ganha evidência as competências

socioemocionais, que vem sendo implementadas desde a educação infantil até o ensino médio. Ao analisar os documentos prós e contrários a implementação das competências socioemocionais na educação do país, fica claro dois pontos culminantes de ambos os lados. Para os que defendem a teoria de autocontrole, resolução de problemas cotidianos é a fonte para o sucesso profissional e a solução dos problemas sociais, portanto para eles as competências socioemocionais chegam a ser mais importantes que as cognitivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como dialogos com as análises referidas ao longo do resumo.

A presente pesquisa ao questionar as práticas discursivas que operaram no sentido de formalizar a BNCC como um dispositivo de poder, saber e subjetivação expôs os elementos que mostram os reais objetivos da implementação deste documento, as diversas formas de subjetivação disfarçados de métodos pedagógicos estão evidentes durante toda a resolução CNE/CP Nº 2, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2017 E CNE/CP nº 4/2018. Tais mecanismos foram pensados para controlar de maneira velada os corpos dos estudantes dentro das escolas. Durante a pesquisa foi encontrado números relevantes de documentos a respeito das competências socioemocionais, estudos recentes que mostram a preocupação de especialistas em educação com os danos irreversíveis que o atual método de ensino trás, substituindo aprendizado por controle emocional e uma preparação para o mercado de trabalho, no entanto o mais preocupante é a dominação dos corpos e da subjetividade dos jovens que estão sendo responsabilizados pelo seu futuro profissional sem o mínimo de capacitação tendo seu pensamento crítico preparado e direcionado apenas para o mercado neoliberal.

REFERÊNCIAS

BERNARDES. M. Claudia; DITOMASO. Aline; Souza. J. Calixto. **A hora e a vez das competências socioemocionais no contexto educacional em tempos de pandemia.** Alagoas, 2020, p. 07

CANDIOTTO, C. Foucault: uma história crítica da verdade. Rev. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 29(2): 65-78, 2006.

CIERVO. R. J. Tassia; SILVA.D.R. Roberto. **A centralidade das competências socioemocionais nas políticas curriculares contemporâneas no Brasil**, PUC/SP. P.20, 2019.

FOUCAULT, M. Mesa redonda em 20 de maio de 1978. In: MOTTA, M. B. da. (Org.). **Michel Foucault: estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006b. Coleção Ditos & Escritos, v. 4, p. 335-351.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Luís Felipe Baeta Neves. (Trad.). 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a .

_____. **Soberania e disciplina**. In: Microfísica do poder. Org. e Trad. Roberto Machado. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008b.

_____. **Nascimento da biopolítica**. Eduardo Brandão (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

_____. **O Governo de si e dos outros**. Eduardo Brandão (Trad.) São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.

_____. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Edição Graal Ltda, São Paulo, 2012. Ed. 22.

FUTATA. A. D. Marli; VIEIRA. P. Juliana; Santos. R. Jane. **A formação de competências socioemocionais na política nacional de alfabetização: Uma análise crítica**. Maringá, 2021, pg. 306.

GALO. Silvio. **Biopolítica e subjetividade: resistência?** Curitiba, 2017. Educar em revista, ed.66

GOMES. L. S. Geise. **Análise de documentos que compõem as noções acerca das práticas de “exploração de trabalhadores rurais”**: um estudo genealógico. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2011.

LEMONS. R. A. Guilherme; MACEDO. F. Elizabeth. **A incalibrável competência socioemocional**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v.25, p. 17, 2019.

MANETI. A. ariana; SANTOS. V. Fábio; SEREJO. O. A. Janaina. **Educação, currículo e pandemia: o fracasso das competências socioemocionais da BNCC**. Ensino em perspectiva, Fortaleza, v. 3, p. 05, 2022.

MAGALHÃES.P. E. Jonas. **Competências socioemocionais: gênese e incorporação de uma noção na política curricular e no ensino médio**. Revista Multidisciplinar de ensino, pesquisa, extensão e cultura. V. 10, p. 23, Rio de Janeiro, 2021.

NETO.V. Neto. **Foucault & a Educação**. Autêntica, Belo Horizonte, MG, 2007.

OLIVEIRA. C. C. O. Valda. **O papel do gestor escolar quanto a intervenção das competências socioemocionais na educação infantil**. Congresso Nacional de Educação. João Pessoa- PB.2022.

PARRA. R. Claudia; REGANHAM. B. Marcilei. **O lúdico como mediador para o desenvolvimento das competências socioemocionais na escola**. Psicologia.pt. 2016

SEHN.S. Amanda. SCHORN.C. Solange. **Competências socioemocionais: Reflexões sobre a educação escolar no contexto da pandemia**. Rio Grande do Sul, 2021, 16 p.

VALENTE. Sabina. **Competências socioemocionais na atividade do educador social: implicações à inclusão escolar**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, vol. 15, núm. 3, Esp., 2020.

